

Simpósio Temático 4

Maria Bernardete Ramos Flores
Universidade Federal de Santa Catarina

Título da Comunicação: O mito do andrógino na arte de Ismael Nery

RESUMO: O andrógino é uma figura recorrente na imagética de Ismael Nery (1900-1939). Sujeito narrador, pintura na primeira pessoa, tendo o corpo humano como único motivo de sua arte e de seus problemas estéticos, Ismael toma a si como seu próprio modelo. Muitas vezes, pinta-se femininamente, como por exemplo, *Auto-retrato* em óleo s/cartão, de 1925. O rosto da figura pode ser visto ambigualmente. Se taparmos a face pela metade, observaremos que uma metade é feminina e a outra é masculina. Numa metade o rosto com uma sobrancelha finíssima depilada em arco como nas mulheres dos anos 20 e 30. Aqui o cabelo parece mais comprido ou diluído no fundo do quadro. Já em outros retratos, onde há uma aparência masculina mais definida, mesmo assim, o cabelo é à *la garçonne*, curto como das melindrosas, e muito semelhante a vários penteados em retratos de Adalgisa, sua esposa. Em seus quadros de casais - *Duas mulheres* (1926), *Amantes* (1924), *Eva* (1923) - dificilmente se pode destacar com nitidez quem é o homem e quem é a mulher. Em *Duas mulheres*, as duas figuras parecem ser Adalgisa e o próprio Nery. No substrato da duplicidade e da linguagem religiosa, a metáfora possível de Adão e Eva presente em sua obra. Ou o mito do andrógino: originalmente existiriam seres redondos perfeitos, onde o masculino e o feminino eram indissociáveis. Ao se fazer conexões com o *Autoretrato de Pelona* (1940) de Frida Kahlo, amplia-se a possibilidade de compreensão do imaginário moderno do mito do andrógino. No século XIX, o mito do andrógino primordial povoa as páginas da literatura. Autores como Théophile Gautier com *Mademoiselle de Maupin* (1835) e Honoré Balzac com *Séraphita* (1834) influenciaram, não só os românticos, mas também os simbolistas. Em 1938, publicado na revista surrealista *Minotaure*, o artigo de Albert Béguin intitulado “L’androgynie” aborda o mito do andrógino desde os gregos, passando por Böhme, pelos românticos alemães, até Balzac.